



Fertilizantes afectam vida marinha

REUTERS

## Biocombustíveis ameaçam destruir golfo do México

Nem tudo são boas notícias no campo da energia verde. Aumento da produção põe em risco *habitats*

O objectivo era reduzir para 500 mil hectares a chamada "zona morta" do golfo do México, a maior zona hipóxica do mundo, onde a floração excessiva de algas, estimulada pela poluição, leva ao esgotamento do oxigénio. Contudo, a ambiciosa meta norte-americana para travar a destruição de muitos habitats naturais está longe de ser realidade. O alerta é de uma equipa de investigadores da Carnegie Mellon University, na Pensilvânia. Segundo os cientistas, a corrida aos biocombustíveis alivia o impacto do consumo de petróleo mas trava as medidas de descontaminação dos rios que desaguam na região.

De acordo com um estudo avançado pela "Science", mesmo que todos os biocombustíveis que se espera sejam produzidos nos Estados Unidos nos próximos dez anos viessem de celulose, que exige apenas um terço dos fertilizantes utilizados pelo etanol à base de milho, deve esperar-se uma redução de 20% nas partículas nocivas que chegam ao golfo do México – melhoria considerada insuficiente. "Já era um tanto difícil, mas a era dos biocombustíveis vai torná-lo praticamente impossível", disse à "Science" um dos investigadores, Simon Donner.

A zona morta do golfo do México soma actualmente 1 460 000 hectares. Depois de ter sido detectada, em 1971, atingiu a dimensão mais crítica em 2002, quando chegou a ultrapassar os 2 milhões de hectares. Segundo os investigadores, o facto de 58% do biocombustível cuja produção está prevista nos Estados Unidos ter como matéria-prima o milho traça um cenário ainda mais pessimista. *M.F.R.*